

4 ABR 1984

# Manipulando Imagens

Dinda Got

O Governo argentino apresentou como triunfo a “operação-resgate” que evitou uma moratória de juros vencidos — isto é, a inadimplência do país. Não há, entretanto, nenhum triunfo nessa história: pelo contrário, ela significa um episódio doloroso para um país de ricas tradições. Pouco faltou para que a Argentina fosse declarada insolvente.

Houve ajuda de países como o México, a Venezuela, o Brasil e a Colômbia? Mas isto também não deveria ser utilizado para mudar-se o sentido das coisas. A Argentina vem sendo acostumada a não encarar os fatos de frente, a valorizar menos o fato do que a versão dele apresentada — o que pode ser uma técnica de comunicação, mas não pode ser uma política nacional.

Foi assim na guerra pelas Falklands, que está completando dois anos. Neste outro episódio triste (e recente), a situação era tão surrealista, quando olhada pelo lado racional, que Governos sérios acharam que tudo não passava de mais uma opereta dos Generais de Buenos Aires. Para tentar desmanchar a opereta, o Presidente Reagan teve uma longa conversa telefônica com o General Galtieri, que fugia das respostas.

A Argentina entrou nas Falklands quase à traição. Por causa do que aconteceu depois, há alguns generais na cadeia, e sendo tudo tão recente, é muito, muito cedo para achar que há algum clima de negociação em torno deste assunto. Mas a Argentina continua não querendo encarar o fato de que as Falklands estão com a Inglaterra — e de que a população das ilhas não tem a menor vontade de virar argentina.

De modo não muito diferente tem sido conduzida a questão da dívida externa do país. Como

acaba de lembrar um importante jornal americano, “o aspecto mais perigoso das manobras das últimas semanas tem sido a crescente tendência da Argentina de vincular o pagamento da dívida aos temas mais emocionais de orgulho nacional e status”.

Esse emocionalismo entronca fundo no caráter argentino; e o atual Governo — cuja mediocridade vai vindo à tona lado a lado com fumaças de esquerdismo — não adota a postura que seria preciso adotar para mudar esse rumo mais que perigoso. Antes de descobrirem que têm uns 30 dias para fazer um acordo com o FMI, os argentinos ouviam o Ministro da Economia, Bernardo Grinspun, declarar que “não há prazos fatais”. O Presidente Alfonsín alimentava a mesma crença referindo-se à necessidade de rechaçar a vassalagem do país e as “receitas recessivas”.

O clima mudou, mais depressa do que se esperava. O Governo, entretanto, não fala claro. O Presidente Alfonsín levou dois dias para comentar os últimos acontecimentos. Quando comentou, abandonou seus ataques ao sistema financeiro internacional para instalar-se confortavelmente na ambigüidade. Insistiu em que a Argentina “não sacrificará o seu desenvolvimento econômico para o pagamento da dívida”. Mas não comentou a necessidade urgente de entregar uma Carta de Intenções ao FMI.

Assim vão-se jogando os problemas para a frente; e vai-se criando um clima hostil ao seu encaminhamento. Mas o Presidente Alfonsín quer continuar a banhar-se nos fluidos da sua vitória eleitoral. É um político de imagem, e não de realidade. A realidade, entretanto, acaba por aparecer por debaixo da imagem.